

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
19 de Outubro de 2021
FILMAR A CATÁSTROFE

PARIS QUI DORT / 1923
Paris que Dorme

Um filme de René Clair

Argumento: René Clair / *Diretores de fotografia (35 mm, preto & branco):* Maurice Desfassiaux, Paul Guichard / *Cenários:* André Foy, Maurice Diamant-Berger / *Figurinos femininos:* Paul Poiret / *Interpretação:* Henri Rollin (*Albert*), Albert Préjean (*o piloto*), Madeleine Rodrigue (*Hesta, a passageira do avião*), Martinelli (*o cientista*), Pré Fils (*o detective*), Marcel Vallée (*o escroque*), Stacquet (*o homem rico*), Myla Seller (*a sobrinha do cientista*).

Produção: Henri Diamant-Berger / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), muda, com tintagens, intertítulos em inglês com legendas em francês e legendas eletrónicas em português / *Duração:* 59 minutos (em película: 20 imagens por segundo) / *Estreia mundial:* Paris, Novembro de 1924 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Tivoli), 28 de Dezembro de 1925 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 11 de Dezembro de 1984, no âmbito do ciclo "Ficção Científica".

Música ao vivo por FILIPE RAPOSO
Sessão apresentada por MARIA FILOMENA MOLDER

Paris qui Dort foi o primeiro filme realizado por Clair, que tinha então vinte e cinco anos e a experiência de quatro filmes como ator, dois dos quais realizados por Louis Feuillade. E para a sua estreia, este parisiense prestou uma homenagem original à sua cidade, ao espaço específico da cidade e ao monumento que é o ponto de observação mais privilegiado que se pode ter sobre esta cidade e que também é o seu símbolo, por mais que muita gente achasse em 1923 e continue a achar hoje que este monumento é medonho ("*Quelle horreur!*" é a primeira frase de **Les Voyageurs de l'Impériale**, de Aragon, quando uma visitante da Exposição Universal de 1889 descobre a recém erguida estrutura metálica). Clair, que pertence à geração que nasceu com o cinema, via na imagem cinematográfica uma fonte suficientemente forte de poesia para bastar-se a si mesma e no ano em que realizou **Paris qui Dort** escreveria que "*a única poesia que pode existir no cinema é criada pela própria imagem. As flores e crepúsculos com os quais alguns realizadores tentam despertar sentimentos poéticos são clichés de uma literatura ultrapassada*".

Paris qui Dort foi realizado em poucos dias e com orçamento tão baixo que, reza a lenda, havia dias em que a equipa não tinha dinheiro suficiente para pagar o bilhete de entrada à Torre Eiffel... A famosa torre, que é uma obra de engenharia e não de arquitetura, é protagonista central do filme. Clair explora as suas formas com grande sentido plástico e a elas voltaria em 1928 para um "*documentário lírico*" de quinze minutos, **La Tour**. O aspecto inegavelmente fálico da torre quando é vista de fora e que é a sua imagem mais característica, modifica-se quando é vista por dentro, como o faz Clair na sequência de abertura e a estrutura se assemelha a uma renda de aço, com alguns espaços ociosos, convexos, quase "femininos". Noutras passagens, quando os "sobreviventes" se reúnem no alto da torre, Clair mostra aquele espaço quase como uma forma abstrata, de onde se pode vislumbrar os quatro pontos cardeais da cidade. Como o espectador não tarda a se aperceber, as vistas de Paris que abrem o filme

mostram o ponto de vista de alguém que está no cimo da torre e ao descer dali para a cidade, Clair evita os espaços facilmente reconhecíveis, turísticos. São exceções o vasto panorama da Praça da Concórdia e a Praça da Ópera, onde Georges Méliès descobriu por acaso como criar certos efeitos especiais e que fica situada a dois passos do local onde os irmãos Lumière organizaram a primeira sessão pública de cinema a ter tido lugar no mundo. Parisiense de nascença e não por adoção, Clair prefere percorrer espaços parisienses ao mesmo tempo característicos e anónimos, seguindo talvez os passos de Feuillade, que situava acontecimentos insólitos em espaços familiares, o que multiplica o efeito buscado e torna mais surpreendente a ação descrita. **Paris qui Dort**, sofisticada homenagem ao cinema burlesco francês do período primitivo, anterior a Mack Sennett (as séries, hoje esquecidas, dos Boireau, Roméo, Rigadin, que para Clair eram filmes vivos, os primeiros Max Linder), é na sua essência um filme sobre o espaço (horizontalidade da cidade, verticalidade da Torre Eiffel; um ponto preciso e uma extensão dispersa) e sobre o movimento ("*o movimento é a base do lirismo cinematográfico*", escreveria Clair em 1924). Num paradoxo magnífico, de que o realizador tinha evidentemente consciência, este filme sobre o movimento tem como tema central a imobilidade (em **Entr'acte**, Clair trataria ao seu modo o movimento perpétuo através do tema por excelência do cinema burlesco: a perseguição). A experiência feita pelo cientista maluco, cujo laboratório parece antecipar de modo reduzido e burlesco certos espaços de **Metropolis**, é análoga à do realizador, o raio que paralisa Paris e altera a realidade (o seu ritmo, o seu movimento, a sua configuração) pode ser visto como uma representação metafórica do cinema, materializada no jogo constante entre imagem em movimento e imagem fixa (filme projetado e filme "paralisado" na mesa de montagem). Culto porém não intelectual, incapaz de ser pedante e de afirmar que cinema "tem" que ser assim ou assado, Clair dá a esta exploração da essência da linguagem cinematográfica a forma de uma comédia burlesca, com laivos de uma história sobre naufragos numa ilha perdida, em que depois de tudo ter saído da norma, tudo volta ao normal, antes do par recém-formado refugiar-se no cimo da Torre Eiffel, onde tudo começara, para passar a sua primeira noite. É interessante saber que Dziga Vertov tivera a mesma ideia e ao descobrir o filme de Clair durante uma viagem a Bruxelas, em 1926, apontou no seu diário: "*Vi no cinema Ars o filme Paris qui Dort. Entristeci-me. Há dois anos, concebi um projecto cuja forma técnica coincide exactamente com a deste filme. Busquei incansavelmente uma ocasião para o realizar. Não tive esta possibilidade. E agora, aí está: o filme foi feito no estrangeiro*".

Como é especificado no livro que Celia McGerr dedicou ao realizador ainda em vida deste, Clair renegava a versão habitualmente exibida de **Paris qui Dort**, de 67 minutos: "*Algumas cenas foram perdidas e alguém - não sei quem nem quando - colou alguns bocados*" (página 37). Pouco antes de morrer, Clair desenterrou uma cópia um pouco diferente da versão habitual e "*restaurou-a de modo tão próximo quanto possível da versão exibida em 1923*". Na realidade, não tão próximo como isto: acabou por cortar "*uma série de coisas más*", reduzindo o filme a 36 minutos. Este tardio *author's cut* não está disponível e seria interessante conhecê-lo. A versão que vamos ver é a do restauro de 2018 e reproduz de modo integral uma cópia comercial britânica de época, o que explica os intertítulos em inglês. As legendas em francês são as dos intertítulos originais. Esta versão "definitiva" de 60 minutos é um deleite cinematográfico e só quem estiver sob o efeito de algum raio adormecedor não apreciará **Paris qui Dort**.

Antonio Rodrigues